

BB80/2026

Adélia Prado. O Jardim das Oliveiras. Rio de Janeiro: Record, 2025. 144 p.

A pá do servente que remove a areia
é um som ambíguo:
está edificando,
mas evoca a morte.

Em tom sóbrio, elegante, contido, a poesia de Adélia Prado emana o embate entre as raízes profundas do ser e o vendaval soturno do tempo que a tudo devora. Poeta que carrega o ancestral e o sagrado feminino manifestos no milagre de gerar mundos possíveis e empresta a vida às palavras, nutre-as para a viagem em busca do próprio destino. Sua poética dá voz ao corpo, sanguíneo, apaixonado pelo ato de amar o amor. Serve-se do concreto cotidiano para filtrar os invisíveis desígnios do mundo como testemunhos do amor do Criador. Ser íntima e universal é sua escolha.

Neste seu Jardim das Oliveiras, ambíguo e divino, a poesia encarna a véspera agônica do encontro com o sagrado, à procura de respostas às perguntas sobre o imponderável da vida e as dores do mundo. Ousada, a poeta não resiste, entrega corpo e alma ao ofício, deixando que a poesia lhe percorra os labirintos erigidos pela memória, alicerçada na resiliência das oliveiras que frutificam poemas desdobrados sobre si mesmos, grávidos de um eu-lírico faminto que reivindica:

Quero conceber agora, porque é no corpo que
desejo o sinal,
dentro de mim, cavando-me as paredes,
sendo a esperança mesma.
Preciso do que se nutre
e ainda não tem rosto nem nome e vive,
para proteger-me do que é terrível e agora
sei.
Só assim suportarei que o nome de Deus é
Vida-e-Morte. (p. 98)

Nos 105 poemas da obra, em que o tempo e a memória ocupam um papel central, temas como a infância, a velhice, o espiritual, o erotismo, a morte e a vida são retomados pela

perspectiva de uma existência filosófica de contemplação poética. Consciente da condição humana atravessada por um vale de lágrimas, sua poética abre-se para a escuta do mundo mais além do humano. Nesses deslocamentos, por vezes, a sintonia se afina à natureza que se renova: “A flor se abre e eu a vejo em todo o seu abrir-se/. Tecida toda e irrigada de vermelho e de fibras, / força de alargar e distender. / Entre suor e sangue e ferros, / a mulher e seu oco obstruído, / sua cria úmida, enovelada em vísceras.” (p. 97).

Ao longo de sua produção poética, Adélia Prado constrói uma poesia atenta aos sinais e impressões que moldam e metamorfoseiam o ser. Sensações e sentimentos se emaranham no tempo e se revelam na angústia do corpo datado e estereotipado pelas convenções sociais. Em *Bagagem* (1976), seu livro de estreia que completa cinquenta anos, no poema “Serenata”, o eu-lírico percebe que “[...] A lua, os gerânios e ele serão os mesmos/ — só a mulher entre as coisas envelhece. / De que modo vou abrir a janela, se não for doida? / Como a fecharei, se não for santa?” (p. 63).

Seu olhar, em 2025, com *O Jardim das Oliveiras*, reacende o tema do corpo feminino de forma contundente, localizando esse corpo como espaço histórico, político e religioso. Em seu lamento, denuncia em “Salve Rainha”: “Coitada da menstruada, / da que não pode falar na sinagoga/ e precisa de véus e leis/ para estar apenas calada. / E para gerar Deus/ gerou antes um dogma/ de pétrea virgindade” (p.104).

Ao discutir sobre os pontos de tensão entre filosofia e poesia, María Zambrano (2021) observa que o poeta ao encantar-se pelas coisas, a elas se apega e as segue pelo tempo, impedido de renunciar “a nada: nem a uma criatura nem a um instante dessa criatura, nem a uma partícula da atmosfera que envolve, nem a um matiz da sombra que lança, nem do perfume que exala, nem do fantasma que já suscita em sua ausência.” (p.14).¹ Nada escapa ao olhar da poesia de Adélia Prado, tudo é movimento, vida e, por oposição, morte, ambas em seus descaminhos pelo tempo para um dia ser uma o espelho da outra. Converte-se assim em uma poesia de encantamento pelo cotidiano da existência e do transcender.

O leitor é acolhido por cenas familiares de leveza e serena lembrança de “mães na cozinha, pais na ferraria” para em seguida ser surpreendido por um salto poético metafísico do menino “atrás do que nunca foram borboletas” (p.17) e da “menina de coração sensível e

¹ ZAMBRANO, María. *Filosofia e poesia*. Trad. Fernando Miranda. Belo Horizonte: Moinhos, 2021. e-book.

desmedida fome/ fica comendo a vida no quintal./ A flor do mamão-macho: ô cheiro!/ O ovo no galinheiro: ô coisa!/ Seu país verdadeiro são caminhos de chão/, sol e abelhas,/ pai e mãe sem morrer,/ um domingo sem fim.[...]” (p.16), sentindo à flor da pele as alegrias e tristezas das mudanças nos ciclos da vida.

Sem amargura, ceticismo ou ironia, com profunda reflexão sobre as lições que a natureza oferece, a bandeira que carrega insiste em estampar esperança. Convicta, sintetiza a sabedoria da vida ao aprender dar ao tempo o tempo necessário e escolhe com “Propósito”: “De madrugada/ vou cavar no terreiro e semear sempre-vivas. / Quantos dias gastem/ para espetar o ar as pétalas metálicas, / vou gastar também. / Cumprir como o anódino pó/ desta semente seca/ o ofício da paciência. / Aprender o tempo/ com a sempre seca viva flor.” (p. 65).

Assim como a semente não descansa em seu trabalho de gerar a flor, a poeta não se acomoda no tempo. Irreverente, apresenta-se à vida, enfrenta o que há de vir e “Convalescendo” declara [...] “Qualquer coisa agora/ que aconteça no corpo/ virá como um batismo. / A alegria me olha/ e fico ruborescente. / Mesmo tendo cem anos, / pareço a aurora nascente.” (p. 89). Diante da vulnerabilidade do corpo, a maturidade da alma.

Adélia Prado, poeta, professora, filósofa, romancista, tradutora e contista, no ano de 2024, recebeu duas das distinções mais importantes da língua portuguesa: o Prêmio Camões, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e do Governo de Portugal; e o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (ABL). Ao longo de sua carreira, foi agraciada, ainda, com Griffin Poetry Prize, o Prêmio Jabuti, o Prêmio Biblioteca Nacional e a Ordem do Mérito Cultural.

Nascida em 1935, em Divinópolis (MG), Adélia Prado estreou na poesia aos 41 anos. Sua entrada na literatura brasileira foi pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, poeta que muito influenciou sua poesia. Suas principais obras em poesia são *Bagagem* (Rio de Janeiro: Imago, 1976), *O coração disparado* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978), *Terra de Santa Cruz* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981), *O pelicano* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), *A faca no peito* (Rio de Janeiro: Rocco, 1988), *Poesia reunida*. (São Paulo: Siciliano, 199), *Oráculos de maio* (São Paulo: Siciliano, 1999), *A duração do dia* (Rio de Janeiro: Record, 2010), *Miserere* (Rio de Janeiro: Record, 2013) e *O jardim das oliveiras* (Rio de Janeiro: Record, 2025).

Suzana Pagot

Poeta

Doutora em Letras/ Literatura Brasileira (UFRGS)